

UMA BRASILEIRA NA TRILHA DE ISADORA

É Marília de Andrade que dançou em Nova York, homenageando Duncan.

Diretora do departamento de dança da Unicamp (Universidade de Campinas), Marília de Andrade participou, de 13 a 17 de setembro, do evento "Homenagem a Isadora", organizado pelo Isadora Duncan International Institute, em Nova York. Apresentando duas coreografias com músicas de compositores brasileiros, ela concedeu, aos estudiosos internacionais, revelações exclusivas sobre o encontro de Oswald de Andrade com a bailarina norte-americana, em 1916.

Tal como a legendária Isadora Duncan, Marília vê a dança com olhos místicos, quase religiosos. Mais do que uma técnica, para ambas o exercício da dança é um caminho de libertação interior. Coincidências entre a revolucionária libertadora da dança do início do século e a artista brasileira são muitas. Elas começam com a intersecção circunstancial da própria vida de Marília.

"Meu pai, Oswald de Andrade, morreu quando eu tinha dez anos. Na sua mocidade ele conheceu Isadora Duncan, que o marcou profundamente. Tanto que, quando eu era pequena, ele me incentivou para a dança me falando de uma tal dançarina que conhecera (era Isadora). Claro, por não entender de diferentes técnicas, ele me colocou para tomar aulas de balé clássico", afirmou Marília, durante um simpó-

sio realizado durante o evento "Homenagem a Isadora".

Com o tempo, abandonando as sapatilhas clássicas, Marília escolheu o caminho da pesquisa, em direção ao que ela chama de dança livre. Quando efetivamente descobriu "la Duncan", dedicou-se a entender e aprofundar seu trabalho, incorporando e decodificando as idéias de sua musa. Essa paixão fez com que conhecesse Jeanne Bresciani e Maria Theresa Duncan — as



últimas seguidoras de Isadora — e se tornasse representante do Instituto Isadora Duncan do Brasil.

"Aparentemente, Oswald e Isadora são opostos — Oswald é primitivista, canibalista, quer acabar com tradições. Isadora é a suavidade, a busca da harmonia grega. Mas, na realidade, os dois se parecem muito. Cada qual, dentro de sua realidade, foi responsável por uma revolução, uma radical mudança, social e artística. Os dois

eram boêmios, **bon vivants** e, se Oswald falava do resgate dos índios e Isadora, da dança livre, os dois queriam a liberdade e a aproximação com a natureza", explica Marília.

Ela acredita que Isadora possa ter sido uma grande influência nas idéias de seu pai. Os dois se conheceram durante uma turnê de Isadora Duncan pela América do Sul. Se, para a bailarina, Oswald foi apenas "mais um jovem com quem ela passara bons momentos", para ele Isadora tornou-se uma lembrança viva. Os encontros entre os dois foram poucos, mas fundamentais — quem sabe, até mesmo, para traçar os caminhos da nova arte brasileira e, por certo, apresentar Marília de Andrade à dança.

Revisitando os princípios da inspiradora de seu pai, durante duas noites, na Turtle Bay Music School, Marília de Andrade apresentou dois solos: **Cartas Celestes**, sobre música de Almeida Prado e **Valsa da Dor**, ao som de Villa-Lobos. "Isadora Duncan não deixou uma técnica escrita e organizada, como por exemplo, Martha Graham. Mas, estudando e interpretando seus princípios, foi possível traduzi-los a nível de movimento", diz a brasileira.

Katia Kanton, de Nova York



Marília, no solo "Valsa da Dor".